

Universidade, território e transformação social: reflexões em torno dos processos de aprendizagem em movimento

Cátia Ruas Teixeira Sauer*
Silvana Ribeiro**

Universidade, território e transformação social: um tripé possível para pensar a extensão universitária. Este é o título do livro que, ao apresentar “reflexões em torno dos processos de aprendizagem em movimento”, conduz o leitor para uma viagem além fronteiras, sendo possível perceber experiências extensionistas da Universidad Nacional de Avellaneda, Argentina. Esta obra foi primeiramente publicada em espanhol com o título *Universidad, territorio y transformación social: reflexiones en torno a procesos de aprendizaje en movimiento* (2014) e teve uma versão *e-book* publicada em 2015. Já a versão em língua portuguesa e edição brasileira surge de esforços institucionais entre a Universidade de Passo Fundo e a Universidad Nacional de Avellaneda. Conforme Dalmolin (2016), a edição brasileira foi editada em um momento em que as instituições de educação superior do país trouxeram ao debate a curricularização da extensão.

Qual é o papel da universidade pública na sociedade? Esse questionamento é colocado no primeiro capítulo da obra, que se intitula “Caminhos e discussões em torno do papel da universidade pública”. O autor traz ao debate o papel da universidade na sociedade, dando ênfase às universidades públicas. Assim, primeiramente, pontua o resgate histórico da universidade, que teve sua gênese localizada na Europa e distanciada do contexto local no qual estava inserida. Relata, ainda, que na América Latina a validação das universidades não foi diferente da europeia, ou seja, criada a partir das classes dominantes e da Igreja Católica. Diante desse contexto, o autor questiona quais os desafios atuais no que tange à autonomia e ao lugar social da universidade. Por oportuno, esse debate deve pressupor, necessariamente, a compreensão de que “a universidade já não deve se arrogar um lugar privilegiado na condução política da produção de conhecimento socialmente válido e legitimado, deve também produzi-lo junto ao seu povo” (2016, p. 32).

Recebido em 18/04/2018 – Aprovado em 27/06/2018
<http://dx.doi.org/10.5335/rep.v25i3.8580>

* Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Passo Fundo. E-mail: sauer@upf.br
** Acadêmica do curso de Serviço Social da Universidade de Passo Fundo. E-mail: silvanaribeiro@upf.br

Dessa forma, um dos papéis da universidade pública é a construção de conhecimento, e uma das formas possíveis de efetivá-la é por meio da extensão universitária, que, ao aproximar a universidade do território, possibilita a construção de vínculos, de escuta, de acolhimento e de transformação social, que, por sua conta, intensifica a produção de saberes com os sujeitos. Para que este processo aconteça, fazem-se necessários refletir e implementar a curricularização das práticas extensionistas, sendo que uma das universidades que organizou e sistematizou este debate foi a Universidad Nacional de Avellaneda. Esse tema é apresentado no segundo capítulo, intitulado “Princípios teóricos, pedagógicos e epistemológicos”, compreendendo a não neutralidade do saber, a perspectiva dialógica, o bairro, o território e a cotidianidade como contextos de construção política, a desnaturalização da realidade, o indisciplinar à universidade e a revisão didático-metodológica permanente.

O primeiro princípio pedagógico-político indica a não neutralidade do saber. Todo o saber pressupõe a construção de um processo que aponta para uma direção, para uma meta. Não neutralizar o saber, na extensão, significa a constante “ação-reflexão-ação” de todo fazer nas diversas realidades dos territórios. Essas realidades já estão implicadas por diversos saberes, o que remete ao segundo ponto a ser destacado, que diz respeito à perspectiva dialógica, possibilitando a articulação dos saberes acadêmicos com os populares, construindo propostas coletivas.

Em terceiro lugar, é proposto pensar a extensão a partir do bairro, do território. Pressupõe refletir sobre as disputas de poder nesses territórios, bem como sobre a participação dos sujeitos que habitam esses espaços e são parte de seu processo socio-histórico, o que permite a ressignificação da cotidianidade. O quarto princípio concerne à desnaturalização da realidade, o que significa perceber a existência de diversas realidades no mesmo território, isso ocorre quando a experiência se torna a propulsora da criação de vínculos. Os últimos dois princípios, denominados respectivamente indisciplinar à universidade e revisão didático-metodológica permanente, estão interligados por processos de construção e revisão de projetos interdisciplinares, bem como de aprendizagem.

A partir desses princípios, percebe-se que concepções tradicionais na produção do conhecimento, de envolvimento com a comunidade e o território, requerem superação. A construção de conhecimento deve atender a necessidades, preocupações e sentidos que circundam a comunidade. Como conceito diretor da proposta que estabelece diálogo está a integralidade. “É preciso conotar um trabalho interdisciplinar e indisciplinado em prol da construção do conhecimento e de um desenvolvimento [...] em diálogo com as organizações sociais, políticas e culturas [...], atentas às políticas realizadas pelo Estado” (2016, p. 58). Nesse sentido, há a insistência

do agir de modo cruzado do interior da comunidade acadêmica e do território do qual se faz parte, para se questionar sobre os três pilares da universidade: ensino, pesquisa e extensão.

Resulta, desse processo, um dos principais conceitos apresentados na obra, analisado no terceiro capítulo, denominado “A extensão universitária como proposta de aprendizagem em movimento”. Refletir sobre a universidade a partir do conceito de território pressupõe construí-la além de um espaço geográfico, na sua relação com os sujeitos, no aprender em movimento, que significa possibilitar a vivência da experiência como instrumento potencializador de conhecimentos, implicado no entrelaçamento da universidade com o território, emergindo na transformação social.

Durante séculos, a extensão universitária foi entendida como dispositivo que levava o conhecimento para a comunidade, mas, com o avanço teórico-prático e a constante reflexão sobre seu papel na construção da universidade e da sociedade, ela assume outro lugar, especialmente na vida acadêmica dos estudantes que, ao refletirem sobre território, ao estarem inseridos nele – fortalecendo vínculos e possibilidades de construção do conhecimento com as pessoas e não para elas –, passam a recriar a extensão universitária, imprimindo nela um caráter de aproximação com as realidades, de diálogo, de escuta atenta e potencializadora de aprendizagens.

A aprendizagem em movimento, por sua vez, está interligada ao quarto capítulo do livro, “Trabalho social comunitário como processo formativo”. Na Universidad Nacional de Avellaneda, o Trabalho Social Comunitário (TSC) faz parte da matriz curricular dos cursos e torna-se um instrumento de curricularização da extensão, que não significa retirar os estudantes da sala de aula e levá-los ao território ou ficar com eles em sala de aula e refletir sobre as problemáticas sociais sem a imersão nas realidades. Pressupõe dialogar em sala de aula, pensar e refletir sobre os referenciais teóricos e inúmeras experiências já desenvolvidas na comunidade e ir para o território, junto com diversas instituições e organizações, construindo propostas com as pessoas de forma multidisciplinar. Condição/metodologia que torna possível retornar para o espaço da sala de aula e refletir sobre as experiências vivenciadas, sobre os erros cometidos e sobre as diversas possibilidades de criação de conhecimentos, o que implica a constante criatividade. Dessa forma, o estudante assume o lugar de protagonista das experiências que o colocam em constante diálogo com o professor, resvalando à concepção de que é apenas um receptor de conhecimentos.

Essas experiências que aproximam a sala de aula do TSC tornam a curricularização da extensão uma possibilidade de formação integral dos estudantes, isso é demonstrado no quinto capítulo do livro, que se chama: “Primeiras experiências e

sistematizações de curricularização da extensão na Universidad Nacional de Avellaneda”. Uma delas foi realizada no projeto Arte, Cultura e Identidade na Habitação Popular, que possibilitou a construção de uma mesa de articulação. “O objetivo da criação da mesa foi propor um espaço de encontros e trabalho concreto em um bairro que havia sido construído em apenas um mês” (2016, p. 86). Neste capítulo, são apresentados relatos dos estudantes, sendo que em um deles, ao escrever o projeto, afirma: “acho que o objetivo foi cumprido, as pessoas do bairro se somaram, se divertiram e compartilharam um momento diferente conosco; além de ter um mural na entrada do seu bairro que os identifica” (2016, p. 96). Fica evidenciado, pela tessitura deste capítulo, o quanto a curricularização da extensão, ao ser planejada pedagogicamente, torna-se fortalecedora do processo formativo de estudantes e professores e dos diversos sujeitos envolvidos.

No centenário do Manifesto de Córdoba, a obra *Universidade, território e transformação social: reflexões em torno dos processos de aprendizagem em movimento* torna-se um encontro de diversas experiências que manifestam o papel da universidade pública como potencializadora de transformação social, colocando os estudantes como protagonistas de aprendizagens em movimento, que aproximam a universidade do território por meio do trabalho social comunitário, um dos instrumentos de concretização de uma curricularização da extensão fortalecedora dos processos formativos. Este livro traz para a extensão universitária brasileira não só a oportunidade de escuta, diálogo e construção de conhecimentos coletivos, como também o desafio de, constantemente, recriar as práticas extensionistas, visando à transformação social e ao constante diálogo sobre o papel da universidade pública na sociedade.

Referência

DALMOLIN, B. M. Apresentação à edição brasileira. In: HUIDOBRO, Rodrigo Ávila et al. *Universidade, território e transformação social: reflexões em torno dos processos de aprendizagem em movimento*. Tradução de Lucas Antônio de Carvalho Cyrino. Passo Fundo: UPF Editora, 2016. p. 8-9.

HUIDOBRO, Rodrigo Ávila et al. *Universidade, território e transformação social: reflexões em torno dos processos de aprendizagem em movimento*. Tradução de Lucas Antônio de Carvalho Cyrino. Passo Fundo: UPF Editora; Buenos Aires: Editora da Universidad Nacional de Avellaneda, 2016. Disponível em <http://editora.upf.br/images/ebook/Universidade_territorio_ebook.pdf>. Acesso em: 10 maio 2018.

_____. *Universidad, territorio y transformación social: reflexiones en torno a procesos de aprendizaje en movimiento*. Avellaneda: Undav Ediciones, 2014.